

### Novo carro eléctrico português



A RETROCONCEPT, uma empresa nacional de engenharia automóvel, vai investir dez milhões de euros numa fábrica em Paredes. Até Março de 2010 serão construídos dois veículos eléctricos inteligentes, mas uma parceria com a Câmara Municipal do Porto prevê a produção em escala.

➔ PÁG. 11

### Camiões nacionais vão para Angola

GRUPO Paulo Duarte vai iniciar actividade em Luanda, através da participada Logitrans. A transportadora de Torres Vedras vai explorar o mercado de carga geral logística e da distribuição, prevenindo ter 30 camiões e 50 funcionários no terreno. ➔ PÁG. 11

### Fármacos japoneses em Portugal

A TAKEDA, a maior farmacêutica nipónica, está a reforçar a presença no mercado nacional. O grupo abriu um escritório no país e prepara-se para lançar novos medicamentos. A empresa admite que a aposta em Portugal pode vir a ser uma porta de entrada para outras regiões, como Angola, Moçambique e Brasil. ➔ PÁG. 10

### Diogo Leite Campos condena corrupção

COLONISTA do SOL considera que as raízes da corrupção estão na educação que 'não' é dada aos jovens, defendendo leis severas e punições rápidas. ➔ PÁG. 10



### Sociedade Rebelo de Sousa Consultório Laboral

ADVOGADA Inês Simões Coelho explica se a legislação permite efectuar pausas para tomar café durante o horário de trabalho. ➔ PÁG. 23

## Executivo cede a pressões de ambientalistas e corticeiras



FOTOMONTAGEM SOL

Executivo estava a preparar uma alteração legislativa que possibilitava **abate de espécies florestais protegidas** se os serviços públicos não se pronunciassem em **35 dias**. Protestos impediram avanço da medida

O GOVERNO vai criar um Código Florestal que integra e actualiza todo o normativo da gestão de áreas florestais. O diploma inicialmente proposto impunha à Autoridade Florestal Nacional um prazo de 35 dias

para dar resposta a autorizações de abate de sobreiros e azinheiras, duas espécies protegidas. Se o organismo não se pronunciasse dentro do período estabelecido, a legislação previa o deferimento tácito dos pro-

jectos. O sector corticeiro e a Quercus alertaram para o perigo de esta alteração poder beneficiar a promoção imobiliária e a construção, com prejuízo dos recursos naturais. O governo recuou. ➔ PÁGS. 4 E 5

## Novas regras contabilísticas impõem multas até 15 mil euros

Empresas que não prestem contas com **novo sistema** de normalização da contabilidade, a partir de 2010, serão alvo de coimas ➔ PÁGS. 6 E 7

### Administrador-delegado da Esphera Capital

## 'Este ano vamos crescer 10% em contra-ciclo'

» ALEXANDRE COUTO 'Estamos a acompanhar com alguma expectativa o desenlace do TGV. Achamos que é uma obra fundamental para diminuir o estado periférico do país' ➔ PÁGS. 8 E 9



## Empresas com dificuldades em tirar dinheiro de Angola

QUEBRA das receitas de petróleo agravou défice externo e consumiu reservas do país, levando autoridades a limitar transferências para o exterior. Mira Amaral, presidente do Banco BIC em Portugal, diz ao SOL que situação é transitória. ➔ PÁG. 13

**Alexandre Couto**  
Administrador-delegado da Esfera Capital

# ‘Este ano vamos crescer 10% em contra-ciclo’

A Esfera Capital tem um **volume de negócios perto dos 190 milhões de euros**. Objectivo é que mercado internacional pese 30% do total

**FREDERICO PINHEIRO**

frederico.pinheiro@sol.pt

**TÂNIA FERREIRA**

tania.ferreira@sol.pt

DEPOIS de Timor, França, Espanha e Irlanda, a empresa com sede no Monte da Caparica, em Almada, começa a olhar para oportunidades de negócio em Angola. Nove anos depois de ter iniciado a sua internacionalização, parecem não existir fronteiras para a Esfera Capital.

**Quais as vossas apostas neste momento?**

Nos últimos cinco anos tivemos duas apostas que foram bem sucedidas: energia e petroquímica. Actualmente, na área da engenharia e energia, estamos a fazer as duas principais cogerações no país, mas também acompanhamos o processo de ampliação das nossas barragens. A nossa aposta no sector petroquímico, acabou por vir alinhada com dois projectos da Galp Energia, que por razões estratégicas do cliente decidiu ampliar as refinarias de Sines e de Matosinhos.

**Qual das áreas ‘pesa’ mais?**  
Em volume de negócios, claramente, a energia é a área que tem mais peso, com cerca de 70%. A segunda área que mais contribui é a gestão de activos imobiliários, que tem ciclos diferentes. Felizmente, há dois ou três anos decidimos não avançar com nenhum projecto imobiliário, não

porque existia aqui um oráculo, mas porque achámos que o preço dos terrenos estava demasiado alto.

**Mantêm o interesse no sector imobiliário? Não sentem os efeitos da crise?**

Vamos esperar pelo Inverno, mas para já está a correr muito bem. No Algarve, por exemplo, construímos cerca de mil apartamentos em Portimão. A determinada altura demos a exploração a terceiros, achámos que não era o nosso ramo, mas temos um desejo muito grande de entrar no turismo e criar valências nessa área. Desde o início do ano que estamos a explorar uma pequena unidade (Vista Marina). Na área do desenvolvimento integrado temos herdadas para começar a explorar, na foz do rio Tejo e Évora.

**Tem já alguma ideia do que vão lá fazer?**

Estamos a olhar para um conceito, para uma visão. São áreas que exigem reflexão e procura de referências em todo o mundo do melhor que se faz em todas as áreas. **Como está a correr o negócio das concessões?**

**‘Temos um desejo muito grande de entrar na área do turismo e construir valências nesse sector’**

**‘Estamos a acompanhar com alguma expectativa o desenlace do TGV’**

Temos participações, sobretudo, minoritárias, como no Metro Sul do Tejo, onde temos 11%. Após a construção acabámos por ficar com um activo que pode ser valorizado.

**Estão em algum consórcio para a construção do novo aeroporto e do TGV?**

No caso do TGV entregámos propostas a ambos os consórcios. Estamos a acompanhar com alguma expectativa o desenlace, achamos que é uma obra fundamental para diminuir o estado periférico do país. No aeroporto, temos estado ligados à ampliação do actual. O novo é uma oportunidade de negócio tremenda.

**É difícil encontrar pessoas com qualidade em Portugal?**

Muito difícil. Por exemplo, não se formaram pessoas especializadas em barragens nos últimos trinta anos.

**Os locais onde estão, a nível internacional, são para ficar?**

Sim, é para apostar em todos. O sector petroquímico baseia-se em ter projectos em qualquer sítio do mundo e vamos sempre sozinhos.

**Mas agora com a lógica do oil já não é assim.**

Exactamente. As empresas que trabalham no sec-

tor petroquímico são muito especializadas e precisamos de ter experiência adquirida para dar confiança ao mercado.

**Sentem dificuldades por serem portugueses?**

No nosso site na internet a primeira coisa que dizemos é que somos uma empresa portuguesa. Tendo em conta a nossa experiência, isso não gera qualquer problema.

**Qual o mercado com mais peso nas vossas contas?**

Ainda é o nacional. Representa cerca de 80%. Mas o objectivo é que o mercado exterior venha a representar entre 25% e 30%. Depende do tipo de projectos que conseguirmos.

**Sempre vão explorar petróleo em Timor?**

Para já não. Mas Timor tem uma área petrolífera com grande potencial e poderemos estar na parte da engenharia da segunda plataforma. Além disso, pensa-se numa refinaria e num parque logístico.

**Quais os próximos grandes projectos?**

Em Portugal, sobretudo, o plano das barragens Baixo Sabor e na Bemposta. Obviamente, há todo um conjunto de projectos tradicionais que não têm uma expressão tão dramática, mas que são importantes pelo número.

**E novos mercados, como Angola?**

Angola é um país pelo qual temos muito carinho. Comecei a ir lá há seis anos, cerca de duas vezes por ano. Temos lá uma empre-



Alexandre Couto está na Esfera há dez anos | ANTÓNIO PEDRO SANTOS

sa montada e uma pessoa a tempo inteiro, desde o início deste ano. Aquilo é um ‘el dorado’ e uma oportunidade clara para um grande número de empresas de diversos sectores. Podemos entrar no sector energético angolano. Está no momento certo. Nos orçamentos de Estado vêm as estradas como prioridade e depois a energia.

**Mas já estão a candidatar-se a projectos?**

Sim. O potencial hídrico é imenso, não só para o país, como para exportar. Fazer uma rede integrada no território, como em Portugal, é possível e é provável que haja aproveitamentos hídricos para que essas redes tenham potencial.

**Pode ser alguma coisa adjudicada este ano?**

Não sei, é uma incógnita, depende um bocadinho dos valores de petróleo.

**Como prevêem o vosso crescimento no futuro?**

**‘Como os nossos projectos têm o pico no próximo ano, prevemos continuar a crescer’**

Estamos com cerca de 190 milhões de euros anuais de vendas e a crescer cerca de 10% ao ano. Tendo em conta que os nossos grandes projectos têm o seu pico no próximo ano, devemos continuar a crescer. **São então uma empresa em contra-ciclo.**

Espero que sim. Sofremos um bocadinho, mas nos últimos dois anos as coisas têm vindo a melhorar. Mas nós, como qualquer outra empresa do mercado, temos de ter sempre muita prudência.

## Esfera presente em 5 países e 3 continentes

LÁ FORA, a Esfera Capital tem mais de 300 trabalhadores espalhados pelo mundo. O país onde está melhor representada, e com presença mais antiga, é Timor, uma das mais jovens nações mundiais. «Chegámos lá há dois anos antes das eleições. Julgávamos que iria haver oportunidades tremendas na construção, mas chegámos e não havia nada», conta Alexandre Couto, administrador da holding Esfera.

Apesar de ter tido um

início pouco auspicioso, a empresa portuguesa não baixou os braços e «até lançámos um *rent-a-car*, mas depois acabámos por utilizar as viaturas para a nossa actividade». Nove anos depois, são cerca de 200 pessoas a trabalhar em Timor; mais uma plataforma de apoio na Austrália.

Em França, a história foi diferente. A Esfera foi convidada a entrar no mercado francês, juntamente com outras empresas espanholas e italianas,

através da Portgás, com participada da EDF-GDF. As empresas estrangeiras não ficaram, mas a Esfera não desperdiçou a oportunidade. «Hoje estamos nas áreas do gás, energia, aço, ou seja, as redes primárias e secundárias e estamos a entrar nas subestações», explica orgulhoso.

A Esfera está ainda em Espanha e Irlanda, sobretudo nas áreas da energia, com a participada Mecí e a WestCoast na Irlanda, e a Ensulmecí em Espanha.

### Actividades da Esfera Capital

Engenharia e energia	Concessões e parcerias público-privadas	Gestão de activos e imobiliário	Turismo e desenvolvimento integrado
<b>ENSULMECI</b> 66,6% Portugal	<b>MTS</b> 10,6% Portugal	<b>JLF</b> 66,6% Portugal	<b>VISTA MARINA*</b> 99,9% Portugal
<b>ENSUL PTY LTD</b> 100% Austrália	<b>EXPOARADE*</b> 25,5% Portugal	<b>IMA*</b> 99,9% Portugal	<b>IGP</b> 99,6% Portugal
<b>ENSUL</b> 100% Timor	<b>EL-Estacionamento de Lagos, SA</b> 55,2% Portugal	<b>WESTCOAST</b> 66,6% Irlanda	<b>URPRASOL</b> 26,6% Portugal
<b>ENSULMECI</b> 100% Espanha	<b>MAIS ILHAVO, SA</b> 16,8% Portugal	*89,9%JLF 10% Ensulmecí	*99,8%JLF 0,10% Ensulmecí
<b>MECI</b> 100% Irlanda	<b>CAMINHOS DO CAMPO</b> 16,8% Portugal	■ 190 milhões de euros - volume de negócios em 2008	
<b>MECI</b> 100% França	<b>MUVIPAR</b> 16,8% Portugal	■ 10% crescimento esperado em 2009	
<b>OPEN ENERGY</b> 100% Portugal	<b>MECI Somague</b> 55,2% Portugal	■ 700 trabalhadores em Portugal. 300 na Austrália, França, Timor, Irlanda, Espanha e Angola	
<b>ESTP</b> 27% Portugal	*3,5%JLF 22% Ensulmecí	■ 80% peso do mercado nacional	



### Líder Delfim

Alexandre Couto, 33 anos, administrador-delegado da Esfera Capital, SGPS, SA, obteve equivalência à licenciatura em Administração e Gestão de Empresas, pela Universidade Católica Portuguesa, depois de ter passado pela Universidade de Richmond em Londres para tirar Business Administration. Nos tempos livres gosta de desportos marítimos, de viajar e de ler. Começou a trabalhar no grupo, participado pela sua família, há 10 anos. Passou por várias empresas, sobretudo nas ligadas à engenharia. Antes foi administrador na Ensulmecí S.A. O interesse pela geoestratégia é uma motivação para ocupar o cargo actual.

## Crise imobiliária 'abre portas' a novos negócios

DOS CERCA de 4.000 lugares de estacionamento que vão existir na recém-inaugurada Cidade Judiciária, em Lisboa, 600 pertencem à Esfera Capital. O facto de o mercado imobiliário estar em recessão, 'abriu as portas' a esta nova área de negócio. «Não sabíamos se íamos alienar ou não, mas decidimos ficar com o parque para explorá-lo», revela Alexandre Couto, da Esfera.

A gestão de activos e imobiliário é uma área que depende de ciclos, se-

gundo o responsável. Daí o facto de a Esfera ficar com os activos, de modo a aproveitar a melhor altura para rentabilizar ao máximo os investimentos. «Na Cidade Judiciária temos uns escritórios e estamos a ponderar se vamos vender ou alugar, porque há todo um universo que roda à volta da Cidade Judiciária que pode potenciar esse espaço», adianta.

Além destes investimentos, a Esfera conta com as urbanizações Vis-

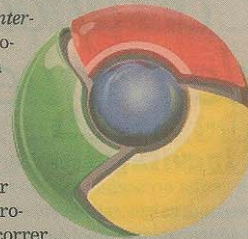
ta Marina e Encosta Marina no Algarve, o edifício Panoramic em Lisboa, o Business Center de Almada, o pavilhão multiusos em Portimão e o condomínio de luxo Ocean View em Cascais, uns mais ligados ao turismo, outros relacionados com o sector imobiliário.

Devido à quebra na economia mundial, a empresa portuguesa não tem nenhum projecto em construção, concentrando as 'energias' na rentabilização dos activos actuais.

### CURTAS

#### Microsoft e Yahoo em parceria contra Google

Os gigantes da internet Yahoo e Microsoft chegaram a um acordo para fazerem frente à sua maior concorrente, a Google. O novo motor de busca da Microsoft, o Bing, vai correr na página da Microsoft, enquanto a Yahoo, que detém o segundo maior motor de busca da internet, vai controlar as equipas de publicidade online de ambas as empresas.



#### TAP perde 72,4 milhões de euros no primeiro semestre

A transportadora aérea TAP registou um prejuízo de 72,4 milhões de euros no primeiro semestre de 2009, anunciou esta semana em comunicado. Contudo, a empresa presidida por Fernando Pinto melhorou em 53,2% os números apresentados, pois no mesmo período de 2008 a companhia perdeu 154,9 milhões de euros. A TAP poupou 6,5 milhões de euros com uma redução salarial negociada com os trabalhadores da VEM.

#### Construção portuguesa reforça aposta em Angola

A AICCOPN - Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas está a desenvolver um projecto denominado Redes Colaborativas para a Internacionalização da Construção - Construir em Angola. Esta acção justifica-se pois o destino de cerca de 62% do volume de negócios gerado pelas empresas nacionais de construção é o exterior, destacando-se Angola como o principal mercado externo destas.

**ÁFRICA**  
**62%** Peso do mercado externo na construção portuguesa

#### Portucel lucra 47,1 milhões de euros no primeiro semestre

A Portucel registou lucros de 47,1 milhões de euros no primeiro semestre de 2009, uma queda de 38% face ao período homólogo do ano passado, quando ascenderam a 75,9 milhões. Esta semana o Governo uruguaio deu a conhecer que a Portucel assinou este mês um memorando de entendimento para a construção de uma fábrica no valor de 98,5 milhões de euros, sendo que o negócio deverá ficar fechado em Setembro.

#### Seguros de Portugal 'passa' 177 multas

O Instituto de Seguros de Portugal (ISP) aplicou 177 contra-ordenações, no contexto de fiscalização e aplicação de sanções, tendo apreciado 234 processos e participações, em 2008. A maior partes das multas está relacionada com os seguros de acidente de trabalho, seguindo-se os processos de regularização de sinistros automóvel e a disponibilização do livro de reclamações. As reclamações sobre seguros aumentaram 14% em 2008, tendo sido registadas 5.247 queixas. Segundo dados do ISP, a distribuição das reclamações colocam o sector automóvel em primeiro lugar, com 2.640 queixas.